

Universidade, sim ou não

RUI ROSEIRA

DESDE há muito que a hipótese de existência de uma Universidade na Madeira tem sido debatida entre acérrimos defensores e opositores radicais, em fases mais ou menos cíclicas.

As vantagens que uns vêem na existência de uma instituição de tal natureza na região são fáceis de adivinhar. Contestam-nas os que consideram que não haver nenhuma universidade é melhor do que a existência de uma que, face às dificuldades de recrutamento de docentes, que se verifica mesmo relativamente às universidades tradicionais, e às verbas necessárias ao equipamento e ao funcionamento de uma instituição com a complexa estrutura de uma universidade, seria inevitavelmente uma universidade de terceira classe, incapaz de assegurar um ensino prestigiado, por maiores que fossem as boas vontades.

Embora sem qualificação para me pronunciar sobre a questão, inclino-me a dar razão aos que assim pensam. É verdade que, por esse mundo fora, havendo naturalmente universidades nas grandes cidades, quase todas as de maior prestígio existem em cidades pequenas, das quais são o núcleo vital. Mas não seria talvez isso que iria acontecer com uma universidade na Madeira, porque a periferia insular é de facto mais restritiva do que a periferia con-



A luxuriante vegetação madeirense não é apenas um atractivo turístico. Representa também um surpreendente fenómeno de coexistência de espécies botânicas das mais variadas origens e, assim, um material de estudo inesgotável

tinental, em casos como este e, desde logo, pelos custos inerentes ao transporte aéreo.

A política seguida a nível regional tem sido a de subsidiar com certa generosidade (em número de bolsas, não no valor de cada uma) a frequência de universidades continentais por jovens estudantes madeirenses e, completamente, a de acordar com essas universidades a

extensão de cursos, com a vinda periódica de professores e a concentração intensiva de aulas durante essas estadias. Mesmo esta solução de recurso e inevitavelmente percária tem dado os seus frutos. A taxa de frequência de cursos superiores não é, na população jovem madeirense, muito mais baixa do que em outras zonas do País.

Sem pensar numa instituição

com a complexidade orgânica e com a variedade de especialidades inerentes a uma universidade, creio, no entanto, que se poderiam aproveitar as condições excepcionais que a Madeira em certos aspectos oferece — incluindo o de ser uma ilha — para a criação de um instituto superior de ciências biológicas, com boas perspectivas de se especializar em certos segmen-

tos desse domínio.

Reune a Madeira uma flora extremamente diversificada, constituindo um jardim botânico natural onde convivem, além de inúmeras espécies indígenas, plantas exóticas trazidas desde os desertos africanos às montanhas do Nepal, da floresta amazónica às ilhas do Pacífico e que, no seu conjunto, constituem material de estudo inesgotável.

Há ainda a considerar que a Madeira poderia ser uma base permanente de exploração e investigação de um mundo talvez hoje mais desconhecido que os espaços siderais: o mundo dos abismos submarinos, já que a ilha está rodeada de profundidades de vários milhares de metros.

Creio que um instituto desta natureza não correria o risco maior de qualquer universidade periférica: o de ser a «opção evidente» para os jovens dessa região, mais atraídos pelas facilidades de fazerem um curso superior ao pé da porta do que por um verdadeiro interesse científico ou qualquer espécie de vocação. Poderia ser uma instituição científica única e, por isso, atractiva, em termos docentes e discentes, a nível nacional.

Embora com pretensões menos pomposas, seria o mesmo que fizeram os nossos vizinhos insulares dos Açores, apoiados nos fenómenos geológicos e vulcânicos das suas ilhas e na excepcional capacidade destas para a pecuária e a agricultura.

Dia

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31

Univ. Madeira - Opinião

